

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**O JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA FRENTE À INAUGURAÇÃO DE
BRASÍLIA**

Gustavo Alves Silva

Gustavo Alves Silva

O JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA FRENTE À INAUGURAÇÃO DE BRASÍLIA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Professor Dr. Sérgio Paulo Morais.

Uberlândia, setembro de 2014.

Silva, Gustavo Alves, 1990

O jornal Correio de Uberlândia frente à inauguração de Brasília.

Gustavo Alves Silva. – Uberlândia, 2014.

53 fl.

Orientador: Sérgio Paulo Moraes.

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui bibliografia.

Palavras-Chave: Brasília – Correio – Uberlândia

GUSTAVO ALVES SILVA

**O JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA FRENTE À INAUGURAÇÃO DE
BRASÍLIA**

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Sérgio Paulo Moraes

Rosana Kasue Kuniya (Mestranda – UFU)

Cinthia Cristina Oliveira Martins (Mestranda – UFU)

Agradecimentos

Esta monografia é resultado do incentivo de inúmeras pessoas ao longo da graduação.

Agradeço aos meus pais, pelo constante apoio durante os anos de estudos;

Às minhas tias, Liliane e Telma e minha avó Hilda, que sempre me incentivaram;

Ao meu irmão Ícaro e ao nosso amigo Alexandre pelas inspiradoras conversas nos momentos de desânimo;

Aos meus primos Douglas e Diogo, pela amizade e incentivo.

Ao meu orientador Sérgio Paulo Moraes, pelas discussões e reflexões acerca do tema escolhido.

Aos colegas João Marcos, Murilo Andrade, Júlio, Jéssica e Paulo, pela ajuda e pelas discussões fundamentais para a conclusão da graduação e, acima de tudo, pela amizade.

Resumo

O Objetivo deste trabalho é analisar a postura do jornal Correio de Uberlândia diante a inauguração de Brasília. Buscamos problematizar cada notícia que foi publicada naquele dia 21 de abril de 1960 sobre a nova capital federal. Brasília não foi obra de um dia, isto é, houve todo um processo complexo até a chegada da data de sua consagração como capital da República. Seguindo este raciocínio, iniciamos a pesquisa no início do ano de 1959, buscando acompanhar a evolução do noticiário e compará-lo com o que foi produzido no dia 21 de abril. Assim, esse estudo é um produto fruto de um estudo que não procurou apenas descrever, ingenuamente, o que foi veiculado pelo jornal, mas sim tentar entender, de forma crítica, o porquê de cada notícia, qual a mensagem que se queria transmitir e as implicações que um fator geográfico teve sobre uma ideologia política.

Sumário

Introdução.....	8
Capítulo I. “Porvir”: aspectos anteriores à inauguração de Brasília.....	11
Capítulo II. De odiada a amada: Como o Correio noticiou a inauguração de Brasília.....	32
Considerações Finais.....	47
Descrição das Fontes.....	49
<i>Artigos de Jornais.....</i>	<i>49</i>
<i>Livros.....</i>	<i>50</i>
<i>Artigos de Revistas.....</i>	<i>51</i>
<i>Gráficos.....</i>	<i>51</i>
<i>Estatísticas.....</i>	<i>52</i>
<i>Monografias.....</i>	<i>52</i>
<i>Documentários.....</i>	<i>52</i>
Bibliografia.....	53

Introdução

A capital da República Federativa do Brasil está com 54 anos de idade. É uma jovem senhora que centraliza os três poderes da república, no qual, na maioria das vezes, não são exercidos com a moralidade exigida na Constituição Federal de 1988. Cidade fruto da arte contemporânea, Brasília está contaminada pela corrupção, palavras, vistas, por muitos, como sinônimas. O contemporâneo que prevalece em Brasília é o de sua arquitetura, pois, na política o que existe é um arcaico e “putrefado” sistema. Certamente, Juscelino Kubitschek ficaria triste ao ver a cidade que ajudou a erguer carregada dessas negatividades em sua imagem.

Teoricamente, o projeto de mudança da capital da nação do litoral para o centro do Brasil já existia antes do governo de Juscelino. Existe uma história, presente na memória de algumas pessoas da cidade de Tupaciguara, a qual afirma que houve uma votação sobre a aprovação ou não da construção de Brasília nas terras do município, não sendo aprovada por apenas um voto. Inclusive, dizem que JK se hospedou em uma casa perto da igreja matriz da cidade, a fim de conhecer a “possível” morada de Brasília. Tal relato popular instigou uma pesquisa sobre como a construção e a inauguração de Brasília foi noticiada por algum jornal regional. O jornal escolhido, portanto, foi o Correio de Uberlândia, devido a ser o jornal de maior expressividade que se encontrava, e até hoje está em circulação, perto daquele lugar que, um dia, quase se tornou o distrito federal.

O objetivo fundamental deste trabalho é estudar, criticamente, como o Correio reagiu perante a inauguração de Brasília, no dia 21 de abril de 1960. Todavia, com o intuito de fazer uma análise mais profunda sobre a repercussão daquele fato, a pesquisa começa examinando como o jornal veio construindo o noticiário sobre a obra de construção da capital e os aspectos que a “rodeavam”, como o governo JK, a economia, a política etc.

Assim, buscamos alguns dados numéricos sobre os impactos do governo do presidente Kubitschek na economia, assunto chave nas publicações, objetivando estabelecer uma conexão com o que era dito nos artigos do Correio. Foi necessário fazer duas ponderações: a primeira, considerar que o jornal era ideologicamente ligado a UDN (União Democrática Nacional), partido de oposição ao governo de Juscelino, e a segunda, lembrar que o Correio, por mais que fosse udenista, não era um jornal que estava na cidade sede da UDN, o Rio de Janeiro, isto é, a cidade que perderia a condição de capital federal para Brasília, mas sim em Uberlândia, cidade com uma população em 1960 de 88.452 habitantes¹, que se beneficiaria muito com a vinda da capital para o centro do país. Levando essas características em consideração, lidamos com o jornal de forma a não vê-lo como um simples reprodutor de notícias, e sim como algo que possui um filtro, com seus interesses próprios.

Nessa perspectiva, Marta Emísia Jacinto Barbosa, nos reforça que:

*(...) a imprensa pode ser pensada não como o mero veículo de informações, mas como agente social que produz ações, intervenções. É um ingrediente do acontecimento, é parte dele, como disse Darnton, e não registro simples do que ocorreu.*²

Seguindo com o raciocínio, Barbosa indaga sobre o posicionamento do historiador na compreensão dos processos de constituição da imprensa, sugerindo que:

Um ponto a sublinhar seria o de relacionar nossas concepções de imprensa às nossas concepções de história. Existe, por parte de muitos, a escolha de ler a imprensa como se esta fosse o espelho do mundo, a solução para o entendimento sobre o que está acontecendo, uma fonte secundária, um apoio (...) Por outro lado, existe a posição de tomar a imprensa como objeto, discutida teórica e metodologicamente, problematizando

¹ IBGE – **Anuário Estatístico de Minas Gerais 1940/1960**, em 1940 a cidade tinha 42179 habitantes, em 1950 tinha 54984 habitantes e 1960 tinha 88452 habitantes.

² MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). “Outras histórias: memórias e linguagens”. In: BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. **Sobre história: imprensa e memória**. São Paulo: Olho d’Água, 2006 pp. 262-272.

*sua natureza social, suas relações sociais, seus processos de instituição. Esta última posição exige um processo de aprendizagem, porque implica escolhas políticas fundamentais. Impele estabelecer um lugar da crítica social, posicionar-se em relação aos sujeitos que vivem diferentes e desiguais experiências que se confrontam em meio a interesses antagônicos. A depender de nossas escolhas teórico-metodológicas e políticas, a forma de investigar os diferentes temas e fontes sofrerá modificações, seja para construir visibilidades necessárias das relações sociais, seja para silenciar.*³

Portanto, usando o raciocínio exposto acima, no primeiro capítulo, destaco o caminho trilhado pelo Correio na divulgação de notícias sobre Brasília ao longo do ano de 1959 até os últimos dias que sucederam a cerimônia de sua consagração como a nova capital da República.

No capítulo segundo, trado do tema central da pesquisa: o jornal Correio perante a inauguração de Brasília. Sobre o noticiário que foi construído em 21 de abril de 1960, verificaremos os pontos que o diferenciaram dos textos publicados anteriormente.

³ _____ **“Outras histórias: memórias e linguagens”**. In: BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. Sobre história: imprensa e memória. São Paulo: Olho d’Água, 2006 pp. 262-272.

“Porvir”: aspectos anteriores à inauguração de Brasília

A capital da República Federativa do Brasil está com 54 anos de idade. É uma jovem senhora que centraliza os três poderes da república, no qual, na maioria das vezes, não são exercidos com a moralidade exigida na Constituição de 1988. Cidade fruto da arte contemporânea, Brasília está contaminada pela corrupção, palavras, vistas, por muitos, como sinônimas. O contemporâneo que prevalece em Brasília é o de sua arquitetura, pois, na política o que existe é um arcaico e “putrefado” sistema. Certamente, Juscelino Kubitschek ficaria triste ao ver a cidade que ajudou a erguer carregada dessas negatividades em sua imagem.

Neste capítulo, analisamos a imagem que a futura capital federal, ainda estado embrionário, o jornal Correio transmitia, como “porta-voz” do povo e autoridades, e como transmissor de notícias vindas de outras agências jornalísticas. Além disso, com a intenção de complementar a análise, trazemos dados técnicos sobre a obra, já que o projeto era, e ainda é, considerado de extrema audácia. Sendo um dos tópicos do chamado “Plano de Metas”, construir uma cidade, com posto de capital da nação, em cinco anos, era algo que espantava, causava dúvida, críticas em relação aos gastos e, acima de tudo, esperança. O enfoque básico dessa pesquisa é o dia da inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960. Entretanto, com o objetivo de compreender a evolução do noticiário durante a execução da obra, como o jornal muda seus posicionamentos etc. começamos a análise da fonte partindo do início do ano anterior à inauguração.

Atualmente, encontra-se na Praça Tubal Vilela, no centro de Uberlândia, o busto do “concretizador” de Brasília, o ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Pois bem, a primeira notícia que encontramos nas páginas do Correio com ligação à Brasília, mesmo que indiretamente, se refere justamente à construção deste busto, datada de 22 de fevereiro de 1959. Consideramos importante trazer esse texto para nosso estudo, em razão de

Kubitschek ser a alma de Brasília, de pertencer a um partido, cuja UDN – partido do sócio majoritário do Correio Valdir Melgaço Barbosa – era opositora. O artigo diz o seguinte:

*Busto de J.K.: Uberlândia ostenta na sua principal praça, o busto do aéreo J.K. como que uma homenagem a aquele que ~~nada~~ fez por Uberlândia”.*⁴

Nota-se que o presidente é tratado de forma irônica. Para entendermos melhor o porquê dessa ironia, é necessário saber o histórico do jornal e o seu contexto na data desta notícia.

O Correio foi fundado em 1938 por José Osório de Junqueira, produtor rural oriundo de Ribeirão Preto. Desde o início a intenção era que o jornal fosse diário, porém, o mesmo iniciou-se com periodicidade irregular. Junqueira possuía outros jornais e seu filho Osório Junqueira era o responsável pelo jornal uberlandense. O primeiro redator chefe contratado foi Abelardo Junqueira. Na década posterior foi vendido a um grupo de cotistas - empresários da cidade e fazendeiros - sendo eles: Nicomedes Alves dos Santos (fazendeiro e dono de uma rede de cinemas em Uberlândia e região), Alexandrino Garcia (empresário do setor de telecomunicações) e João Naves de Ávila (fazendeiro e dono do frigorífico Omega), todos com a ligação à UDN.

Em 1952, a direção do jornal e a sua maior parte é adquirida por Valdir Melgaço, vereador udenista e futuro apoiador da ditadura militar, como deputado estadual pela Arena (Aliança Renovadora nacional). Sob a direção de Melgaço, Marçal Costa era o redator chefe que, em parceria com o jornalista Lycidio Paes atacavam o partido rival da UDN, o PTB. O jornal estava, portanto, a serviço da elite local, sujeito a seu filtro político conservador. Isto é, o Correio era porta voz da UDN, favorecendo a ascensão política do partido na cidade e a desqualificação de quem era contrário. Então, ao conhecermos esse contexto, compreendemos o porquê do tratamento conferido a JK na notícia sobre a construção de um busto em sua homenagem.

⁴ “Busto de J.K.”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 17/01/1959. Ano XXII, nº 7006, p.3.

As publicações sobre Brasília são uma mistura de notícias escritas pelo próprio Correio e de outras que eram compradas de agências de notícias do Rio de Janeiro. O Correio não falava por si só. Assim, o noticiário era basicamente construído a partir de duas visões – a do Rio de Janeiro, cidade prestes a perder o posto de capital da república e a da próspera cidade que aspirava pelo progresso, encravada no interior pouco desbravado, distante do litoral e que se localizaria perto da futura capital federal. Isso é visto em dois artigos transcritos a seguir, - inclusive, há uma “espetada” do Correio em Carlos Lacerda, jornalista carioca e udenista que atacava Juscelino. O primeiro, parte do próprio Correio:

Banco nacional continuará a funcionar com a mesma denominação: (...) Brasília está trazendo grande progresso para o interior, mormente essa região. Verdade é que os milhões gastos no palácio do -Alvorada” poderiam ser úteis para escolas e hospitais. Mas, embora não 100% favoráveis a Novacap, não faz de Brasília um cavalo de batalha conta JK e o Brasil, como acontece em relação ao jornalista Carlos Lacerda e outros.⁵

Agora uma notícia vinda do Rio de Janeiro:

RIO (Telepress) Brasília – 1960: Os debates em torno da mudança da capital para Brasília em 1960 mostraram que ganha terreno ao menos em reduzido setor do congresso, a ideia de adiar aquela medida. Para que os parlamentares estão sofrendo violenta pressão por parte dos funcionários do legislativo. Muitos estão enraizados na -Cidade Maravilhosa” e não tem a menor vocação pioneira (...).⁶

Ao longo do noticiário do ano de 1959, a grande maioria das notícias direcionadas a Brasília e seu “construtor” era de críticas e dúvidas, com raras exceções de aprovação. Em fevereiro deste ano, aconteceu um fato que

⁵ “Banco nacional continuará a funcionar com a mesma denominação”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 10/05/1959. Ano XXII, nº 7038, p.5.

⁶ “Brasília 1960”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 26/05/1959. Ano XXII, nº 7045, p.1.

mostrou a total desaprovação da aspirante capital federal, com severas críticas do Correio a Juscelino. Após reclamações dos operários em Brasília sobre a péssima comida servida nos refeitórios, a GEB (Guarda Especial de Brasília) invadiu alguns dormitórios e fuzilou, covardemente, vários trabalhadores. Isto provocou a seguinte reação do jornal:

Massacre em Brasília: É uma propaganda terrivelmente a marcha vitoriosa de Brasília essa a que deu ensejo a polícia de bandidos que o sr. Israel Pinheiro é acusado de ter organizado na capital em construção. A ser verdade o que noticiaram repórteres que foram lá de proposito para investigar as ocorrências, o caso assume proporções assustadoras, pois a força pública, não sei se constituída legalmente, teria metralhado desumana e traiçoeiramente o alojamento dos operários de certa firma que está executando serviços do governo. Os trabalhadores reclamariam contra a péssima comida que lhes estava sendo fornecida, talvez convencidos de que a ciência da nutrologia esteja certa quando recomenda alimentação substancial para a pessoa que dispenda bastante esforço físico. Mas os soldados da NOVACAP divergem dessa teoria e repreenderam os proletários porque eles ousaram pensar em atender as exigências do estômago (...). Citam-se nomes de mortos cujos cadáveres ninguém conhece o destino e que devem ainda existir, pois entre as grandiosidades que o sr. Juscelino Kubitschek inventou em Brasília não figura ainda o forno crematório, bem útil para completar o aparelho repressivo adequado para o massacre que nos falam os jornalistas que lá estiveram.

Pode ser que isso tudo esteja certíssimo que seja aconselhável a formação de uma brigada de jagunços para manter a ordem de que precisam os construtores da capital, que convenha dar boa ordinária aos encarregados das tarefas subalternas mas penosas; que se lhes proíba por intermédio dos portadores de revólveres e metralhadoras comprados com dinheiro do povo, de articular o menor protesto contra a inferioridade do alimento; que se liquide com essa ralé quando insistir na sua pretensão ou quando cometer desacato aos respectivos capangas

arvorados em peças da segurança pública; que se converta o outrora deserto planalto goiano em campo de concentração dos narias que não conseguem salário na terra natal. (...)

O que me preocupa não é tanto que as obras se acelerem ou retardam, que elas para mim continuam a representar uma desvairante mania cujas consequências recaem sobre os aspectos econômico-financeiros do país. O que me impressiona e revolta é saber que em qualquer parte do Brasil ainda se equipem indivíduos de má catadura e de bofes ainda piores para permitir que eles dêem pasto aos seus instintos sanguinários fuzilando patrícios humildes que vivem com o seu labor colaborando para a grande nação.

Era forçoso que Brasília desse a primeira nota desse descaso pela existência e pela dignidade dos rudes mourejadores da trolha, do serrote e da picareta...⁷

Lycídio e os outros jornalistas que divulgaram esse fato elaboraram seus textos a partir de telegramas enviados de Goiânia. Além dos jornais, os telegramas foram enviados, também, aos presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado, a Juscelino Kubitschek e ao Marechal Teixeira Lott. Foi fora do local do acontecimento que o tiroteio e a violência da GEB ganharam visibilidade, pois, segundo Heloísa Helena Pacheco Cardoso, no livro *Muitas memórias, outras histórias*⁸, —*Qpoder público nunca assumiu os fatos como verídicos*”.

A revolta dos trabalhadores foi um sinal de que a realidade nos canteiros de obra era sofrida, e muita das vezes maquiada pelo governo. E ainda, seguindo com Cardoso:

(...) falar do ocorrido é falar das condições vividas por muitos naquele período, marcadas pela existência de uma violência policial explícita, expondo os limites das relações sociais

⁷ “Massacre em Brasília”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 22/02/1959. Ano XXII, nº 7010, p.1.

⁸ FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). “Muita memórias, outras histórias”. In: CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. **Memórias de um trauma: o massacre na GEB** (Brasília – 1959). São Paulo: Olho d’Água, 2004 pp. 173-190.

*igualitárias propagadas pelo discurso hegemônico do Estado. Em seu lugar, uma estrutura de poder hierarquizada, exigida pelo processo capitalista em curso no país. Reverter o foco dos acontecimentos, colocando nele o cotidiano dos canteiros de obra, nas lembranças sobre aquele período, significa enfrentar a memória oficial e explicitá-la como um espaço de disputa pelo reconhecimento dos trabalhadores como sujeitos.*⁹

Outro importante trabalho sobre o “massacre” da GEB, foi o do cineasta Vladimir Carvalho. Carvalho produziu o documentário *Conterrâneos Velhos de Guerra*¹⁰ em 1992, no qual é mostrada uma Brasília “do avesso”, resgatando várias experiências, com interesse principal na ação da polícia no carnaval de 1959. Nele, podemos ver o depoimento dos corajosos operários que deram vida a Brasília, em sua maioria de origem nordestina, semialfabetizados ou analfabetos. Contam sobre a vida naquele imenso canteiro de obra, no qual cumpriam longas jornadas de trabalho, correndo, a todo instante, o risco de se acidentarem, sob a constante pressão da polícia.

Brasília era uma das metas de um plano de governo tido como o causador do aumento da inflação, da perda do poder de compra, dos gastos exorbitantes etc. Em março de 1959, a inflação é assunto:

A inflação da moeda se juntou a inflação da demagogia: A pressão da opinião pública, melhor dizendo a pressão da bolsa e do estômago, fez o presidente JK encarar o incessante aumento do custo de vida. Reclamações de todos os lados, greves, ameaças ~~–~~ passeatas de fome”, de ~~–~~ marchas ao Catete”, ao lado de ~~–~~ Jânio vem aí”, caracterizando o descontentamento das massas e a esperança concentrada no

⁹ **“Muita memórias, outras histórias”**. In: CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. Memórias de um trauma: o massacre na GEB (Brasília – 1959). São Paulo: Olho d’Água, 2004 pp. 173-190.

¹⁰ **Conterrâneos Velhos de Guerra**. Direção Vladimir Carvalho. Sagres Home Vídeo/ Rio Filme, 1992. (Fita de vídeo-VHS). Vladimir Carvalho recebeu por este documentário o prêmio especial do júri no Festival do Novo Cinema Latino Americano em Havana e o prêmio de Cinema da CNBB.

ex-governador paulista, assustaram, por fim, o presidente da república.

S. excia, entretanto, o principal responsável pelo descalabro econômico em que nos encontramos, preferiu, depois de 3 anos, fazer discurso e deitar culpa sobre os outros, para encobrir o insucesso do seu governo, para dar motivo diferente à miséria do povo.

Basta isso, para prever-se demagógica a nova “operação custo de vida”, que o mais célebre operador dos últimos tempos anunciou pela “Hora do Brasil”.

O povo quer seriedade e sinceridade. Quer as medidas apropriadas para sustar as emissões a jato para conter a inflação galopante, para evitar os gastos públicos supérfluos. Sobretudo, não quer promessas demagógicas e nem a diluição do seu salário, que se reduz de valor cada vez que é aumentado.

A inflação da moeda se juntou a inflação da demagogia. Essas mirabolantes “operações” não chegam para contentar um povo cansado de promessas e de mistificações (...).¹¹

Três dias depois o assunto sobre o custo de vida era retomado no jornal:

J.K. e a “operação remédio”: A contenção do “Gusto de Vida” novo objetivo do sr. presidente da República, de faceta diferente das demais metas presidenciais, sempre ligadas ao desenvolvimento econômico – resume-se apenas numa “Operação Remédio”, pois que em síntese, nada mais visa senão salvar o povo brasileiro dos males da política econômico-financeira adotada pelo atual governo (...).¹²

Nesta próxima notícia o tema são os gastos do governo:

Juscelino: orgia de emissões. O sr. Aliemar Baleeiro, com a dupla responsabilidade de deputado e professor de finanças afirmou que o sr. Juscelino Kubitschek emitiu em três anos

¹¹ “A inflação da moeda se juntou a inflação da demagogia”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 18/03/1959. Ano XXII, nº 7019, p.8.

¹² “JK e a operação remédio”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 21/03/1959. Ano XXII, nº 7020, p.7.

mais do que todos os governos brasileiros, de Cabral a Café Filho. É que o presidente só compreende governo com dinheiro a rodo. Nada de economia. Nada de investimentos planejados. A expansão do meio circulante, em virtude desse -critério”, atingiu proporções tem precedentes nos dois últimos períodos governamentais: elevou-se de 81 bilhões, em 1957, a quase 130 bilhões, nos começos de 1939. Essa elevação de 50 por cento no total de papel-moeda emitido em dois anos da bem a medida da pressão inflacionária que a atual orientação de gastos, não condizentes eram as possibilidades reais do país, está determinando. No governo do sr. Juscelino Kubitschek, só há uma coisa funcionando e funcionando vertiginosamente a -guitarra”.¹³

A discussão central dessas três publicações é a política econômica do governo JK. Ao lê-las constata-se que o Brasil está imerso em uma crise financeira. Segundo o Correio, subentende-se que a política dos “50 anos em 5” seria a causadora do “*descalabro econômico em que nos encontramos*”. O custo de vida aumentou e o projeto do governo chamado, justamente, de —*operação custo de vida*” é taxado de demagógico. O jornal se coloca como porta voz do povo ao relatar que se espera —*seriedade e sinceridade*” por parte do governo, e que sejam tomadas —*as medidas apropriadas para sustar as emissões a jato para conter a inflação galopante*”.

No ano de 2010, Brasília completou 50 anos e a revista *Veja* lançou, no ano anterior, uma edição especial sobre a cidade. Foram analisadas várias questões sobre a nova capital, dentre elas a inflação, o custo da obra e o crescimento do PIB (produto interno bruto). Quando JK assumiu a presidência a taxa de inflação já era alta, na casa dos 24%, no entanto, o “Plano de Metas” a fez saltar 14,9 pontos percentuais, chegando aos 39,4%, em 1959, sendo entregue ao próximo governo nos 30,5%:

(...) a emissão monetária alimentou a inflação brasileira. Em 1956, ela foi de 24,5%; em 1960, chegou a 30,5%. A dívida

¹³“Juscelino orgia de emissões”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 14/05/1959. Ano XXII, nº 7040, p.1.

externa, engordada por empréstimos a serviço de Brasília, saltou de 2,7 milhões para 3,7 milhões de dólares. O Brasil de JK, cujo lema era cinquenta anos em cinco, realmente cresceu – mas deixou pendurada uma conta salgada e demagógica.¹⁴

Pelos dados, o Correio tem razão ao criticar o aumento da inflação. Quanto às —~~emissões a jato~~” e a afirmação de que o —~~rs~~ Juscelino Kubitschek emitiu em três anos mais do que todos os governos brasileiros, de Cabral a Café Filho”, através da matéria da *Veja*, conhecemos o papel da “novacap” (como era chamada Brasília) nesse record:

Eugênio Gudín, ministro da fazenda de Café Filho de agosto de 1954 a abril de 1955, fez uma estimativa de 1,5 bilhões de dólares. Levou em conta apenas os gastos públicos, sem falar no tremendo desperdício indireto com transportes, viagens para cá e para lá, dobradinhas, perda de tempo”, escreveu o economista. Em valores de hoje, aplicando-se apenas a correção monetária americana, a cifra seria equivalente a 19,5 bilhões de dólares. Com juros de 3% ao ano, padrão médio de taxaço, chega-se a um valor atual de 83 bilhões de dólares.¹⁵

De acordo com os números de Eugênio Gudín, as expressões usadas pelo jornal uberlandense - —~~É~~que o presidente só compreende governo com dinheiro a rodo” e de que —~~N~~o governo do sr. Juscelino Kubitschek, só há uma coisa funcionando e funcionando vertiginosamente a guitarra” - faz sentido. A fala do Correio de que o presidente “preferiu, depois de 3 anos, fazer discurso e deitar culpa sobre os outros, para encobrir o insucesso do seu governo, para dar motivo diferente à miséria do povo” tem ligação com o que a *Veja* discorre sobre o possível acobertamento dos números dos gastos:

Os defensores de Juscelino Kubitschek nunca apresentaram cifras porque lhes era impossível calculá-las e politicamente interessante escondê-las. A confusão estava estabelecida pela Novacap, a empresa responsável pela construção, impedia clareza nas informações. Os amigos de JK tentaram reduzir as

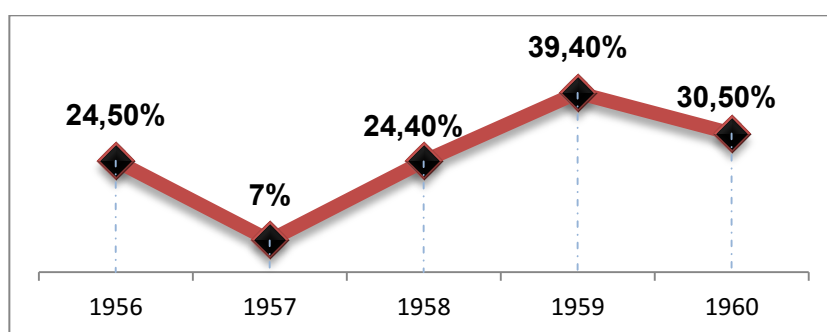
¹⁴ REVISTA VEJA. “Especial Brasília 50 Anos”. São Paulo: Abril, Novembro de 2009.

¹⁵ REVISTA VEJA. “Especial Brasília 50 Anos”. São Paulo: Abril, Novembro de 2009.

estimativas de Gudin e Gordon a um embate empobrecedor e tolo: a sanha dos imperialistas ante o desenvolvimento terceiro-mundista de JK. O próprio presidente, em entrevista citada pelo livro “Quanto custou Brasília”, do jornalista Maurício Vaistman, defendeu-se de modo populista, ao explicar porque emitira 134 milhões de cruzeiros em cinco anos de governo: “Isso quer dizer que toda aquela pletora de desenvolvimento representou, na realidade, o sacrifício de apenas 2 cruzeiros, em cinco anos, para cada brasileiro”.¹⁶

Abaixo, na forma de gráficos, segue alguns dados aqui discutidos. O primeiro gráfico simula o comportamento da inflação no governo JK:

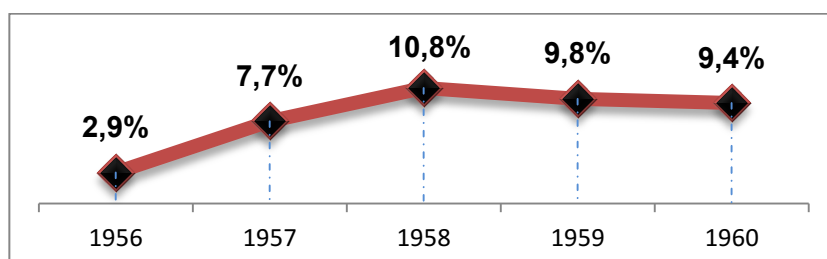
Figura 1 – Variação da inflação no governo JK, entre 1956 e 1960.



Fonte: IBGE.¹⁷

Contraditoriamente, o PIB cresceu:

Figura 2 – Evolução do PIB durante o governo JK, entre 1956 e 1960.



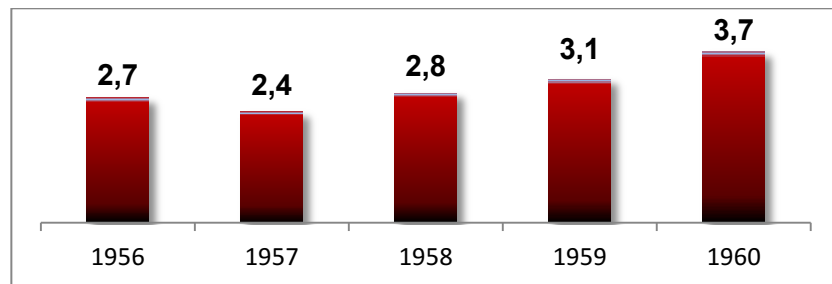
¹⁶ REVISTA VEJA. “Especial Brasília 50 Anos”. São Paulo: Abril, Novembro de 2009.

¹⁷ Disponível em: <https://www.veja.abril.com.br/especiais/brasil/bafunda-contabil-p-120.html>> Acesso em set. 2014.

Fonte: IBGE.¹⁸

Contudo, a dívida externa aumentou:

Figura 3 – Dívida externa do Brasil ao longo do governo JK, entre 1956 e 1960.



Fonte: IBGE.¹⁹

Apesar de todas as controvérsias do jogo político, com acusações e defesas, a construção de Brasília teve uma peculiaridade de acordo com o autor Maurício Vaistman em seu livro —*Quanto custou Brasília*²⁰. No capítulo —*Caso único no mundo*”, o autor traz à tona um fato que sempre foi abafado por interesses políticos, nos dizendo o seguinte:

*“Brasília (...) é a única cidade do mundo cuja construção pôde ser apurada sob todos os aspectos — jurídicos, políticos, técnicos, econômicos, financeiros e sociais — com o maior rigor, não só por determinação do sr. Jânio da Silva Quadros, logo que assumiu a Presidência da República, em 31 Jan. 1961, como também, e bem antes dele, por decisão da Câmara dos Deputados (...) Resolução nº 37, em Set. 1960, uma Comissão Parlamentar de Inquérito para Investigar as Condições de Construção de Brasília, Organização e Regulamentação de seus Serviços Públicos”.*²¹

¹⁸ Disponível em: <https://www.veja.abril.com.br/especiais/brasilia/barafunda-contabil-p-120.html>> Acesso em set. 2014.

¹⁹ Disponível em: <https://www.veja.abril.com.br/especiais/brasilia/barafunda-contabil-p-120.html>> Acesso em set. 2014.

²⁰ VAISTMAN, Maurício. “*Quanto custou Brasília*”. Rio de Janeiro: Editora PS, 1968, 192 páginas.

²¹ “*Quanto custou Brasília*”. Caso único no mundo. Editora PS, Rio de Janeiro, 1968.

Endividamento do país, aumento da inflação, enfraquecimento do salário mínimo, fome etc. foram várias as críticas ao governo JK e suas metas, fazendo parte, conseqüentemente, Brasília. Em nenhum dos três artigos do jornal, citados anteriormente, sobre economia, há apoio ao presidente e a “novacap”. E essa onda crítica que o noticiário do Correio tomou não para por aí. Em maio de 1959, é veiculado mais um texto de tom crítico direcionado à JK e a futura capital. Todavia, este é maior e não fala somente das questões econômicas envolvendo a obra, como os discutidos anteriormente. Tendo como título somente o nome da cidade, percebe-se um teor claro de ofensa ao presidente e a seu maior projeto:

BRASÍLIA: Esse caso de Brasília parece que vai agora ficar mesmo desnudado aos olhos da nação, por que os srs. deputados e os srs. senadores estão acordando da modorra em que caíram com a precipitação do sr. Juscelino Kubitschek em transferir a sede do governo para o planalto central. Restou capacitado de que a maioria do congresso nunca foi intimamente solidária com a mudança da capital no prazo que foi votado. Isto se é solidário em qualquer época, pois o meu ponto de vista é o de que o lugar da metrópole é no Rio de Janeiro, a cidade que merece o qualificativo de maravilhosa, sem que embargos sejam opostos. O fato dos nossos antepassados, na sua alta sabedoria, consignarem na constituinte de 1891 que a capital fosse para Goiás todo mundo sabe que era uma questão de segurança nacional. Eles não podiam adivinhar que Santos Dumont, nessa época um adolescente, iria descobrir a navegabilidade aérea e que o seu invento progredisse tanto que no nosso tempo a distância do litoral ao centro do país, para as fortalezas voadoras tem a mesmas expressão que tinha naquela época a travessia de Niterói a Guanabara em um navio de guerra.²²

Neste primeiro parágrafo há uma apelação histórica para justificar a reprovação de transferir a capital para o planalto goiano, sendo citado Santo Dumont e o

²² “Brasília”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 19/05/1959. Ano XXII, nº 7042, p.1 e p.5.

seu invento, o avião, como um meio que supriria o problema da distância entre o litoral e o centro do país, e de forma subentendida, o isolamento do último, que era um dos motivos da construção da nova capital.

Prossigamos:

Mas já perdeu toda a oportunidade de discutir as vantagens e as desvantagens da mudança. Na ocasião própria o parlamento achou mais cômodo satisfazer o desvario governamental, os deputados da situação porque julgam um sacrilégio contrariar a vontade emanada do poder dos deputados oposicionistas porque interesses partidários os aconselhassem a acompanhar o terço. E tudo foi decidido de conformidade como os desejos do executivo. O presidente da República embriagou-se com a sua idéia na expectativa de que Brasília o levará nos paramos da glória. Tudo que quis, tudo que solicitou das camaras para prosseguimento das suas obras suntuárias obteve da cumplicidade parlamentar.

*Chega afinal a data da efetivação do alucinante projeto. O sr. Juscelino Kubitschek continua cada vez mais narcotizado pela iniciativa. Usar óculos de Plangões e injuria os que não pensam com s. ex. Os outros, porém, estão abrindo os olhos. Já pedem comissão de inquérito para verificar as condições da cidade. Já querem saber se já existem moradias para o legislativo, para o judiciário e para a parte do executivo que não se agasalha no palácio da Alvorada. Já querem saber quanto custou o que está feito, de onde saiu o dinheiro para pagar tanta coisa luxuosa e onde se vai buscar mais para as despesas que prosseguem em ritmo acelerado.*²³

Aqui o tom é de ofensa ao presidente. JK é considerado “narcotizado pela iniciativa” de construir Brasília, que “a data da efetivação do alucinante projeto” está próxima e que ele “embriagou-se com a sua idéia na expectativa de que Brasília o levará nos paramos da glória”. Por essas palavras, a construção de outra capital seria obra da vaidade pessoal de Juscelino, que o seu objetivo era o alcance da glória. Sugere-se que a aprovação do projeto foi devido à

²³ Ibidem.

cumplicidade dos parlamentares. Duvida-se do término a tempo da obra para sua inauguração. Critica-se a quantia gasta, a origem dos recursos e a suntuosidade.

Seguindo, agora são feitas acusações de corrupção:

Se as interpelações forem respondidas com sinceridade, vamos assistir a confissão dos dispêndios catastróficos que foram realizados, vamos saber dos empréstimos não legalmente autorizados, dos desvios das verbas dos institutos que não cumprem os seus deveres com os segurados, esses mesmos segurados de quem o governo ameaça arrancar uma quota maior precisamente porque as suas contribuições não se escoam pelas finalidades para que são instituídas. Vamos ter conhecimento de que Brasília é talvez a causa principal da inflação que desorganiza o país e as traz desde o princípio do atual do período presidencial em constante e ascendente crise econômica e financeira.²⁴

Neste trecho supõe-se que a construção da cidade segue custeada pela imoralidade administrativa, “sugando” cada vez mais a população. De novo o problema da inflação é citado, e Brasília fica com o título de principal responsável.

Agora o artigo busca reforçar o que foi dito até então, através de uma generalização da opinião ante Brasília:

Esse brado de alerta que se levantou agora, e que não é produto de partidarismo, visto que é provocado por membros das agremiações da maioria, pode bem ocasionar o adiantamento da inauguração oficial de Brasília. Percebo uma tendência contagiante por todas as bancadas, exceção feita da bancada goiana, porque é mais goiana do que brasileira. Não ninguém que ignore a impossibilidade material de se acomodarem ali os três poderes com todas as peças necessárias ao seu funcionamento. E tanto isto é evidente que já surgiu a sugestão de ficarem no Rio de Janeiro todos os

²⁴ Ibidem.

*tribunais, isto é, toda a máquina judiciária, como se fosse possível compreender, no nosso regime, o aparelho democrático girando sem uma das três molas essenciais.*²⁵

A crítica atinge, também, a bancada do estado Goiás no Congresso Nacional, acusada de egoísta, pensando mais nos benefícios que a obra trará ao estado do que nas consequências que vem causando ao país.

O texto é concluído com a recapitulação da ideia de desaprovação da mudança da capital, e ataque ao Congresso:

Nada disso me causa espanto, porque nunca considerei Brasília senão como empreendimento oriundo de uma imaginação perturbada pela febre da conquista de uma legenda histórica. A letargia do congresso tinha obviamente que cessar. Vejamos se os compromissos assumidos ainda permitem deter essa disparada no consumo das rendas públicas.

*E o despertar das consciências, e a possível atitude de homens que não são escravos, o recuo nesse apoio que vinha sendo dado para a empresa temerária não terão reflexo no problema da sucessão presidencial.*²⁶

Após essa leva de notícias que “bombardearam” JK e Brasília, no próximo mês após esta última, Lycídio Paes escreve um texto, cuja primeira linha já contradiz tudo o que foi dito até agora. Em nenhuma das publicações analisadas anteriormente se lê votos de apoio à empreitada de Juscelino, pelo contrário, só há críticas e mais críticas. Com título subjetivo, Lycídio, poeticamente, escreve:

Brasília e a mulher de Cesar: Não somos contra Brasília, -its long way"... mas vamos para lá. O clima é bom, as nascentes francamente virgilianas, a água pura, cristalina, os horizontes amplos a solidão convidativa, para quem gosta da paz bucólica dos mosteiros.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Ibidem.

Queremos ver nascer lá a civilização do terceiro milênio (ou do sétimo, pelas contas hebraicas) telúrica, palpitantes de seiva, libertária e, sobretudo, niveladora, igualitária. Mas nada impede que se saiba, exatamente, quanto custou e quanto possa ter surripiado, descuidadosamente, das contas da NOVACAP, alguns motoristas e arrumadeiras. O diabo é que temos os nossos temores: será que uma comissão parlamentar de inquérito não vai enterrar naquelas paragens eudenicais, algumas -urnas marajoaras”, quando se sabe que ali não foi caminho dos nossos velhos sambaquis políticos; Também não queremos atrapalhar a obra. Achamos, inclusive que o seu ritmo está muito lento para nos dar morada em abril de 1960.²⁷

Dos textos até agora analisados este é o mais sensato. Não é contra a futura capital, entretanto, expõe seus temores. A última frase demonstra uma dúvida comum a muita gente na época: “seu ritmo está muito lento para nos dar morada em abril de 1960”.

Até o momento, somente o artigo anterior é a favor da “novacap”. Pelos outros textos, definitivamente, a obra não era aprovada pelo jornal. Parece que havia um medo, uma insegurança, descrença na ambição de Kubitschek, retiradas de uma análise “pessoal” ou influenciada pelas questões udenistas. Não conseguem ver nenhum ganho com o que está sendo feito, com a Brasília que está sendo erguida, e prestes a ser inaugurada, por um mutirão de migrantes sofridos.

Ao adentrar no ano de 1960, o Correio abre espaço para uma voz da cidade se pronunciar sobre a futura capital da nação. Porém, não era uma voz qualquer, do povo, mas a de Ruth de Assis, irmã de um membro da UDN uberlandense, o conhecido jurista Jacy de Assis. Ruth acusa o projeto de ser eleitoreiro, argumentando, também, que:

Nova função de Brasília, eleitoral: Nunca descobri uma cidade tão predestinada a grandes feitos nacionais como Brasília pelo

²⁷ “Brasília e a mulher de Cesar”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 28/06/1959. Ano XXII, nº 7056, p.1.

simples fato de ter nascido numa época dinâmica em questões de publicidade, a maior cartomante dos destinos em geral.

Foi no “Gorrei Católico” que li um comentário do Brigadeiro Faria Lima: “Brasília é obra do dinamismo e só crescerá com Jânio”. E, com vaticínio eleitoral o orador panha de lado a integridade e a honestidade de Lott nas suas preferências.

A palavra só vale por uma epopéia política. Define uma sutileza eleitoral de inspiração do momento; agora é Brasília a preocupação nacional, pode influir na luta pela presidência da República, então é preciso tratar ao mesmo tempo os dois eventos como dois problemas pedindo a mesma solução imediata (...)

Não gostei da idéia, o meu cérebro de oposicionista se revolta. Até Brasília como propaganda de eleição? Até Brasília como propriedade da eterna família do governo brasileiro? Sempre preferi a monarquia, só menos uma vez na história se tem uma simpática princesa no trono (...) Brasília esta no nosso espírito como a capital da generosidade financeira, da simplicidade da arquitetura de administrações públicas, a cidade pioneira das grandes estradas sertão a dentro, unindo brasileiros afastados de seu governo (...) Uma função muito nobre (...) Trocarem essa, que traçava um destino não digno do Brasil pela politicagem aproveitando a poucos homens, faz perder a esperança de sua realização num âmbito largo e inteiramente nacional, de todo o povo (...)

Uma capital só deve ter a política do direito, para não fugir ao seu destino de sede do govêrno de uma nação democrática, passando a madrinha de politicagem como remanescentes da ditadura, que não há jeito de sumirem do Brasil, que a morte dos homens getúlicos vem sendo muito lenta, parecendo obra de fênix, enquanto que o aparecimento de homens cívicos é quase lento.

Não será Jânio, nem Lott, nem qualquer outro homem de governo que fará Brasília crescer sem a cooperação do povo... Mas sim o brasileiro, necessitado de paz, de governo, de subsistência decente de escolas, de estradas. Se continuar

*dentro de seu sonho atual: Brasília é a Canaan que procura há anos incontáveis.*²⁸

Pelas palavras, constata-se que Ruth não é contra a construção de Brasília, mas sim contra o seu aproveitamento em campanhas políticas. Algo muito curioso é que ela prefere a monarquia à república. Provavelmente, Ruth não viveu na época em que a “simpática princesa” ocupou o trono do império brasileiro para sentir saudade, talvez acreditasse que o melhor sistema de governo para o país era, mesmo, aquele. Ela não diz mais nada sobre isso, o que nos impede de saber mais sobre o porquê de sua simpatia pela monarquia. O que não há simpatizava nenhum um pouco era o ex-presidente Getúlio Vargas, cujos seguidores contaminavam a democracia com sua “politicagem”.

Pelo que foi estudado até aqui sobre o posicionamento do Correio perante Brasília, a impressão é que qualquer problema que gerasse repercussão nacional, principalmente na economia, a aspirante capital tinha era um tanto culpada. A economia era o principal assunto que trazia Brasília para o palco das discussões, no entanto, um evento da natureza que assolasse alguma cidade, também, era motivo para críticas à cidade, não que isso fosse injusto. E foi assim que ocorreu em cinco de abril de 1960, data bem próxima à cerimônia de inauguração da capital. Nesta data, a não conclusão da obra de represamento do rio Jaguaribe, que criaria um grande açude, a fim de amenizar os problemas da seca que atingiam vários estados do nordeste, dentre eles - Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí - levou uma poderosa seca a essas regiões. Dessa forma, os gastos com a obra da “novacap” foram criticados, por usar recursos que poderiam ser usados para o termino da barragem de Orós. É o que lê nas palavras de Lycidio Paes:

Orós e Brasília: Hoje, em todos os quadrantes do Brasil, só se fala e escreve sobre Orós, com a comoção que nos despertam as grandes desgraças. E eu avalio o ressentimento com que dezenas e dezenas de milhares de brasileiros do Ceará, do Piauí, do Rio Grande do Norte e de outros estados brasileiros

²⁸ “Nova função de Brasília: eleitoral”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 20/03/1960. Ano XXIII, nº 8045, p.1.

atingidos (...) estão a essa hora amaldiçoando o desatino dos homens que canalizaram para as suntuosidades de Brasília o dinheiro que devia custear a conclusão das obras do grande açude empreendido para regar os terrenos do Nordeste, habitualmente flagelados pela seca impiedosa (...)
*Veja-se, entretanto, mais esse desastre proveniente do desvario de Brasília (...) Houve tempo, houve advertências, houve previsões. E houve dinheiro... para Brasília.*²⁹

Enfim – a inflação, os altos gastos, os inúmeros empréstimos, a proveniência destes empréstimos, o prazo, o partido político do presidente etc. – todos estes foram motivos que, juntos, construíram o noticiário do jornal Correio sobre a construção da nova capital do Brasil. Eles expuseram o posicionamento do jornal perante a obra que estava a todo vapor, para conseguir ser inaugurada dentro do prazo prometido. Aliás, mostraram seus posicionamentos, pois, o noticiário foi contraditório. Não houve imparcialidade, porque o jornal estava imerso em um jogo de “cabo de guerra”, com a UDN o puxando de um lado e o progresso de Brasília o puxando do outro. Ora a política udenista o fazia criticar o governo Kubitschek e sua principal meta, ora a realidade de pertencer a uma cidade que estava encravada no vasto e “esquecido” centro do país, esperançosa com o progresso, o fazia erguer a bandeira pró-Brasília. E esta última característica exposta na frase anterior, é a que acreditamos, por mais que a maioria das notícias foi de críticas, ser a que falava mais alto na “alma” no jornal Correio. Reforçamos este argumento com uma publicação no qual o jornal noticia um pedido de Valdir Melgaço (diretor geral do jornal e o dono de sua maior parte) dirigido à Tubal Vilela, em que o vereador solicita o empréstimo do edifício de Vilela de dezesseis andares para hospedar algumas pessoas que iriam para Brasília participar da festa de sua inauguração. Assim sendo, as palavras são as seguintes:

Tubal cede edifício para hospedagem, inauguração de Brasília:
O sr. Osvaldo Penido, em entrevista concedida a rádio May ..., no programa -Mesa Redonda” de Gilson Amado na noite de

²⁹ “Orós e Brasília”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 05/04/1960. Ano XXIII, nº 8057, p.5.

quinta feira, deu a conhecer de que o governo está empenhado em colocar a cidade de Araxá, em Minas Gerais, como ponto de hospedagem para aqueles que se dirigirão a Brasília, fazendo com as companhias de aviação a já conhecida Ponte Aérea, entre aquela cidade e Brasília, nos dias 20, 21, 22 e 23 de abril.

O vereador Valdir Melgaço, tomando conhecimento desta informação em companhia do sr. Domicio Costa Pereira, e considerando as vantagens que poderão advir para Uberlândia, se o governo colocar nossa cidade como ponto de hospedagem, com ponte aérea para Brasília, nos referidos dias, procurou ontem o sr. Tubal Vilela, para com aquele ilustre uberlandense estudar a possibilidade de ter o seu grandioso edifício emprestado para hospedagem.

O ex-prefeito de Uberlândia imediatamente a solicitação, está disposto a emprestar ao governo, nada menos de 100 apartamentos, do seu edifício de 16 andares, contando que o governo ou as casa de móveis de Uberlândia, tome a si a responsabilidade de colocar camas para este fim.

Haverá, sem dúvida, grandes possibilidades de se concretizar tal iniciativa, pois além de Uberlândia ser bem mais perto de Brasília, a pista do aeroporto local proporciona mais segurança aos grandes aviões que deverão rumar para a NOVACAP nos dias 20 a 23 de abril.

Em vista disto, o sr. Domício da Costa Pereira, assumiu a responsabilidade de levar ao conhecimento sor. Osvaldo Penido, um dos encarregados pelo governo na elaboração do programa da inauguração de Brasília, esta iniciativa tomada pelo vereador Valdir Melgaço que encontrou a ajuda espontânea e patriótica no dinâmico Tubal Vilela.³⁰

Nesse “por vir”, portanto, procuramos estudar como a obra de mudança da capital da nação para o planalto do estado Goiás era vista pelo jornal Correio de Uberlândia, partindo do início de 1959 até os últimos dias que

³⁰ “Tubal cede edifício para hospedagem, inauguração de Brasília”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 20/03/1960. Ano XXIII, nº 8045, p.1.

antecederam sua efetiva inauguração, em 21 de abril de 1960. Analisamos, também, o peso que o lado udenista do jornal e o fator benefícios que seriam tragos para Uberlândia tiveram como influenciadores na construção do noticiário. A conclusão é que não houve neutralidade/imparcialidade nas notícias sobre JK e Brasília, ao longo do recorte temporal ora analisado. Muitos eram os interesses, os anseios, os medos, as vozes, afinal, não é todo dia que se constrói uma capital federal nas suas “redondezas”. E será no próximo capítulo que descobriremos a reação do Correio diante da inauguração da obra mais ousada, de que tantos duvidaram, do Plano de Metas de Juscelino Kubitschek.

De odiada a amada: como o Correio noticiou a inauguração de Brasília

É chegado, finalmente, o dia da inauguração da nova capital federal e, o Brasil, “assisti”, por mais uma vez, a mudança da sede do seu governo central. O projeto audacioso de Juscelino Kubitschek é alcançado naquela quinta-feira, 21 de abril de 1960. A NOVACAP (construtora responsável pela obra e mais suas dezenas de outras empreiteiras contratadas) conseguem cumprir o projeto no prazo estabelecido. Tal fato ganha total destaque na capa do jornal Correio. Foram impressas onze notícias, das quais sete eram dedicadas somente à inauguração de Brasília. E em todas há um mesmo tom de fala: saudações e engrandecimento da figura de JK, um pouco diferente dos outros artigos publicados ao longo dos anos de construção da capital.

No entanto, naquele 21 de abril, ele foi tido como o pivô de uma nova era para a nação brasileira, trazendo ao cenário nacional o sertão imenso, um tanto quanto esquecido, a oeste do litoral. O sentimento era de que se desencadearia uma mudança positiva no país a partir daquele dia. O que se esperava de Brasília é que a cidade fosse uma alavanca para o progresso econômico da região central do país. Uberlândia, então, seria beneficiária direta, já que possui uma localização privilegiada, colocando-a entre a nova sede federal e outras várias capitais estaduais. A nova capital era, enfim, um símbolo que inaugurava um novo tempo, em meio a uma época na qual a política do progresso era a “guia” dos governos.

Das notícias veiculadas na capa do jornal, três eram declarações com assinatura, uma de autoria do diretor do jornal Valdir Melgaço Barbosa, outra com dupla autoria de membros da UDN uberlandense, José Zacarias Junqueira (presidente) e Nicomedes Alves dos Santos (vice-presidente), e a última do presidente do Lions Clube de Uberlândia, José Geraldo Miguelleto, as outras quatro não possuíam identificação. Portanto, nenhuma vinha de agências de notícias de fora, isto é, o que estava na capa era a visão de

cidadãos influentes no meio político e econômico da cidade. Pessoas que, contraditoriamente, engrandecem o Presidente da República naquele momento, pois, durante a execução do projeto de transferência da capital, essas mesmas pessoas, o criticavam. Entretanto, a mídia e também quem não pertencia a ela, o comércio, por exemplo, possuía seus interesses. Aquele acontecimento era de muita importância no país, com todos os olhares voltados para a conclusão de um projeto o qual muitos não acreditavam que pudesse ser concluído em tão pouco tempo, sendo assim, difícil alguém se posicionar no jornal contra o presidente e sua obra, teria grande chance de ser ofuscado.

A ocasião era uma excelente oportunidade para entrar na “carruagem de louvores” a JK. O pensamento dos empresários talvez fosse o de que se tivesse o nome da sua empresa impresso no jornal apoiando e saudando Brasília traria uma boa impressão perante os clientes. O comércio, então, ocupa páginas inteiras com propagandas/saudações a Kubitschek. Ao todo, são onze anunciantes que, além de tecer elogios ao presidente da república, às vezes o compara a Tiradentes e elege Brasília como a capital e a obra do século. Também há uma declaração da Câmara de vereadores com o nome de todos os seus integrantes.

Em uma leitura das notícias da capa do jornal partindo de cima da página até embaixo, as notícias são as seguintes, sendo a primeira sem assinatura:

Brasília é hoje capital federal: SALVE JK. Sob o espoucar dos foguetes que mantiveram ontem a cidade acordada até a meia-noite, Uberlândia saudou com entusiasmo e intensa vibração, alegria indizível, o nascimento da mais nova e mais ousadamente moderna capital do mundo, a espetacular Brasília que o gênio brasileiro desde a Inconfidência do Mineiro Tiradentes até a mudança do mineiro de Diamantina Juscelino Kubitschek de Oliveira. Estava escrito que duas das maiores revoluções da pátria brasileira seriam realizados por dois mineiros. Eles o fizeram. Um morreu gloriosamente pela causa da Independência. Outro completou-a, centralizando a capital brasileira tirando a riqueza do litoral e levando-a para o centro

*do país. Uberlândia, cidade moça de futuro maravilhoso saudou com a merecida honra a Brasília nova e resplandece que nasceu a zero hora do dia hoje. Uberlândia saudou também o homem que fez Brasília: Juscelino Kubitschek de Oliveira.*³¹

Neste texto, são levantadas três questões para noticiar a inauguração: o entendimento de que a cidade de Uberlândia aprova a construção da nova capital, o louvor e a importância do mineiro fazendo a ligação entre dois personagens conhecidos da história do estado, que atuaram em prol da nação e a aprovação do projeto de tirar a capital do país do litoral distribuindo a riqueza para outras regiões. A “voz” do jornal, aqui, é de completo apoio ao presidente, diferentemente de outras notícias passadas.

Fazendo questão de mencionar sua filiação udenista, em tom diplomático Valdir Melgaço Barbosa, vereador e o maior cotista do Correio, sendo também o diretor geral do jornal, apresenta seu texto sobre Brasília. Foi construído sobre a mesma base de raciocínio do depoimento anterior, ou seja, com os mesmos três elementos. Segue o depoimento de Melgaço:

Receba J.K. os aplausos de um vereador udenista: Tão vigorante e decidida foi a ação de J.K. nos seus 4 anos de governo, que se transformou no maior ídolo político da nação brasileira. Sua patriótica coragem em construir Brasília, o imortalizou de tal forma, que um udenista, como eu, ergue, neste instante, sua palavra de fé e confiança na Capital do Progresso, estendendo-se em aplausos ao chefe do governo. Como é belo e reconfortante ver nascer uma cidade em pleno sertão brasileiro, em tão curto prazo, onde as estrelas que a iluminam, irradiam uma luz de esperança. Como é maravilhoso cruzar a Pátria Brasileira de estradas pavimentadas, onde já se consagrou que todos os caminhos nos levam a Brasília. Como é confortador ver nesse fato histórico, o planalto central, do sertão goiano, receber uma cidade com o adorno de Distrito

³¹ “Brasília é hoje capital federal: SALVE JK”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 21/04/1960. Ano XXIII, nº 8066, p.1.

*Federal, onde o toque da emancipação econômica da Pátria abre um novo horizonte. Se de pouco valessem as palavras deste vereador em muito valeriam as realizações de um governo louco, de loucas realizações. Se de nada valesse a urgência com que foi construída BRASÍLIA, em muito valeriam a interiorização da Capital Brasileira. E se de nada valesse a esperança que alimenta o povo brasileiro, nesse novo marco da civilização pátria, em muito valeria ver BRASÍLIA despontar radiosa e magnífica no cenário do Brasil, como a cidade que irradiou prestígio internacional, a Terra de Tiradentes. Nossa fé se confunde com a esperança, e nossa vibração se eleva com entusiasmo, vendo Brasília receber as joias de Capital Federal. Receba, enfim, J.K. e -eandangos” a afirmação de meu aplauso pelo muito que deram ao Brasil.*³²

O vereador dá a entender que sua obra e ousadia foram tão magníficas que o presidente merece a confiança e a fé de um político udenista. A capacidade de construir uma capital federal em pleno sertão goiano, o encanta de tal forma que o faz escrever isto por duas vezes. Pensamento comum hoje sobre várias obras públicas, mas, principalmente, naquela época, o desenvolvimento econômico é o principal benefício trazido pela nova capital, na visão de Melgaço.

A terceira publicação sobre o evento trata-se da notícia de que a UDN uberlandense havia enviado um telegrama a Juscelino parabenizando-o. A seguir, a notícia e o telegrama:

UDN UBERLANDENSE CONGRATULA-SE COM JUSCELINO: NOBRE GESTO DO DIRETÓRIO UDENISTA UBERLANDENSE ENVIANDO TELEGRAMA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PELA MUDANÇA DA CAPITAL PARA BRASÍLIA. Brasília: gesto nobre do diretório local da UDN acaba de chegar ao nosso conhecimento através do telegrama que foi enviado em documento de ontem ao

³² “Receba J.K. os aplausos de um vereador udenista”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 21/04/1960. Ano XXIII, nº 8066, p.3.

*presidente Juscelino Kubitschek ao chefe do governo parabéns pela magnífica obra de interiorização da capital brasileira. Pelo seu cunho democrático, pela sua magnífica lição de verdadeira democracia, transcrevemos, na íntegra, o texto da mensagem enviada a J.K. pela UDN local: –Diretório União Democrática Nacional de Uberlândia congratula-se vossencia mudança capital república para Brasília, resultado de um feito dinâmico e heroico, consubstanciando anseios do povo brasileiro, nesta hora, vivendo momentos de elevada vibração cívica com os olhos postos no futuro grandioso da pátria. Respeitosamente – José Zacarias Junqueira – presidente; Nicomedes Alves dos Santos – vice-presidente”.*³³

Novamente, um posicionamento de membros da UDN local, dessa vez, do presidente e seu vice. Na mensagem a democracia é ressaltada e o progresso do país que será gerado, a partir de então, é mais uma vez citado.

A próxima notícia, também, é sobre o envio de outro telegrama ao presidente da República, agora de autoria do presidente do Lions Clube de Uberlândia em nome da entidade:

VIBRANTE MENSAGEM DO LIONS AO PRESIDENTE JK: firmada pelo seu presidente, o Lions Clube de Uberlândia enviou ao presidente da República o telegrama abaixo transcrito: –Doutor Juscelino Kubitschek de Oliveira Digníssimo Presidente da República – Brasília – D.F. Ocorrendo hoje maior acontecimento político história Brasil com solene inauguração nova Capital Federal Brasília Lions Clube Uberlândia vem trazer vossa excelência suas efusivas saudações pela grandiosa realização governo de ilustre e dinâmico conterrâneo dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira que completando descobrimento Cabral, a colonização Portuguesa e consolidação República e Deodoro, agora situar centro geográfico país sua capital Federal no primeiro passo para sua emancipação econômica através progresso uniforme e

³³ “UDN UBERLANDENSE CONGRATULA-SE COM JUSCELINO”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 21/04/1960. Ano XXIII, nº 8066, p.1.

*incessante. A vossa excelência o mais profundo respeito e consideração. José Geraldo Miguellete – Presidente”.*³⁴

Com enorme apreço e aprovação à Kubitschek, o presidente do Lions descreve aquele 21 de abril de 1960 como a data do maior acontecimento político da história do país, fechando um ciclo que começou com Pedro Álvares Cabral, descobrindo o Brasil, seguido da colonização portuguesa, passando pela mudança da forma de governo para a República, culminando na inauguração de Brasília. Aqui, há uma exaltação ainda maior do feito realizado por JK, talvez por Miguellete ter sido um eleitor do presidente ou por crer, realmente, que aquela obra transformaria o país e, principalmente, sua região central.

O maior texto da capa do jornal que se refere a Brasília se encontra no final da página. É um texto que traz o projeto de construir Brasília para um contexto mais amplo, no sentido de que isso era um sonho do povo brasileiro desde muito tempo e JK foi o realizador, juntamente com os trabalhadores que ergueram a cidade. As palavras são as seguintes:

BRASÍLIA ONTEM E HOJE: Ontem Brasília era apenas o desejo dos inconfidentes. Tornou-se aspiração de José Bonifácio de Andrada e Silva. As Constituições todas depois, reservaram-lhe um artigo e o mapa do Brasil consignava ‘Área Reservada Para o Futuro Distrito Industrial’. Subconscientemente todos os brasileiros queriam ver um dia, a capital da República instalada no centro do país. Haveria assim, maiores possibilidades para o desenvolvimento de toda a imensa área do Brasil: enriquecimento de todos os seus habitantes: estradas em todas as direções e atitude mental diferente. O brasileiro aproximar-se-ia mais ainda das fronteiras das nações limítrofes. Descentralização da administração da cidade litorânea, onde os habitantes se apinhavam sobre os mortos, onde ao mar se conquista uma palmo de terra com o desmonte de morros. Ontem foi a Primeira Missa. Era 3 de maio de 1957 e, à sombra da cruz, torta e primitiva como a de Cabral o cardeal-arcebispo de S. Paulo dom Carlos Mota,

³⁴ “VIBRANTE MENSAGEM DO LIONS AO PRESIDENTE JK”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 21/04/1960. Ano XXIII, nº 8066, p.1.

*celebrou o santo ofício com a presença de J.K., numerosas outras autoridades e grande massa do povo. Poucos acreditavam na realização da obra que se iniciava. Havia porém a vontade forte e firme de um povo, decidido a tomar posse de seu território e engrandecê-lo para os seus filhos. Hoje os candangos chegaram. Brasileiros de toda parte, de todas as idades. Chegaram. Chegaram como os bandeirantes do século XVII, que partindo de S. Paulo alargaram a linha das Tordesilhas. Chegaram dispostos a tudo. Um único desejo os animava: edificar a cidade que se tornaria a mais moderna do mundo. Seguiam, sob as ordens de Israel Pinheiro, os planos de Lúcio Costa, que se inspirava no gesto de quem toma posse de um lugar. Concretizavam as plantas de Oscar Niemayer, que traçara todos os edifícios com o dinamismo de J.K. Brasileiros de todos os quadrantes tinham um encontro marcado com o destino do Brasil, cujo amanhã já estava cansado de esperar a hora de nascer para os seus filhos. Hoje, a cidade está pronta em tudo o que se torna essencial e indispensável para nela assentar a sede do governo deste país. O desejo dos inconfidentes está realizado. O sonho-visão de Dom Bosco, na noite de 30 de agosto de 1883, está concretizado. A aspiração de José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência, se acha satisfeita. Brasília a ‘Capital da Esperança’, receberá hoje os poderes constituídos da República. Houve lutas. Houve. Houve incompreensões. Houve má-vontade. Tudo, porém, foi sobrepujado pela força de um povo que sabe como conseguir o que quer. E Juscelino Kubitschek de Oliveira soube, também, dar ao Brasil, esta capital’.*³⁵

De acordo com este texto, supõe-se que poucos brasileiros queriam que a capital continua-se sendo o Rio de Janeiro, pois, no início, a ideia que se passa é a de que todos os brasileiros, em seu subconsciente, desejavam a transferência da sede do governo federal para o centro do país. O motivo

³⁵ “Brasília ontem e hoje”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 21/04/1960. Ano XXIII, nº 8066, p.1.

dessa vontade seria o enriquecimento uniforme da população e, indo mais além, o jornal cita que haveria uma mudança na mentalidade das pessoas. Para justificar, também, a mudança da capital, o Correio critica a situação geográfica do Rio de Janeiro, “*onde os habitantes se apinhavam sobre os mortos*”, consequência da escassez de espaço. O povo que ergueu Brasília é sempre enaltecido, sendo comparado aos bandeirantes do século XVII que partiam de São Paulo para desbravar o interior do país. E, esse povo não iria apenas construir uma nova capital, mas a mais moderna cidade do mundo, assim era vista Brasília. A respeito da visão ampla em que o jornal coloca Brasília, citada anteriormente, o que se passou em 21 de abril de 1960 não foi a concretização da promessa e do sonho somente daquele homem, JK, que, quatro anos antes, apresentou o projeto de mudança da sede do governo, e sim a concretização do sonho de Dom Bosco, José Bonifácio de Andrada e Silva e dos Inconfidentes.

A primeira edição do Correio após a inauguração foi no sábado, 23 de abril de 1960, contendo oito notícias sobre Brasília. A maioria era de saudações de uberlandenses ao presidente JK e textos do próprio jornal seguindo a mesma linha dos que foram escritos no dia 21 de abril, ou seja, enaltecendo a coragem do presidente e a maravilha que é Brasília e o que ela representa. Uma das notícias fala da chegada de um uberlandense à Brasília para participar do evento, o prefeito Geraldo Ladeira, já que as comemorações iriam de 20 a 23 de abril.

O que se percebe ao analisar a repercussão dada pelo jornal ao fato da mudança da capital, é uma grande aprovação da ação do presidente da república, tanto por parte do próprio Correio, tanto pela UDN e pela população uberlandense. Alguém que não leu as notícias anteriores ao 21 de abril, terá muita chance de crer que, todas as partes citadas anteriormente, sempre apoiaram Juscelino. Todavia, esta não é a verdade. E nesse contexto são úteis as palavras de Yara Aun Khoury retiradas do livro “*Muita memórias, outras histórias*”³⁶, de que nós historiadores, —*proramos desconstruir processos*

³⁶ FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). “Muita memórias, outras histórias”. In: KHOURY, Yara Aun. **Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história**. São Paulo: Olho d’Água, 2004 pp. 116-138.

sociais de produção da memória” fazendo-se necessário —analisar as mútuas relações entre história e memórias” (p.118). Sendo o povo os agentes receptores das notícias jornalísticas, seguindo com o raciocínio de Khoury, é preciso estudar:

(...) Como as pessoas elaboram a experiência social em sua consciência; demanda, no entanto, em contrapartida, explorar e compreender melhor os significados culturais e históricos, intelectuais e políticos das próprias narrativas e do trabalho de investigação histórica mediado por esse diálogo; demanda refletir sobre a própria escrita da história e sobre a memória como prática política.

Para tanto, se faz oportuno lembrar que o Correio tinha como seu maior cotista e diretor geral Valdir Melgaço, um político, e um político membro de um partido opositor do governo JK que, posteriormente, se tornaria deputado pela Arena (Aliança Renovadora Nacional), apoiadora do governo ditatorial militar. Juntamente com o redator chefe Marçal Costa e o jornalista Lycidio Paes, o Correio, ao longo do ano de 1959 até meados de 1960, portanto, antes e após a inauguração de Brasília, publica, na mesma proporção, textos que ora opõem, ora glorificam Kubitschek. Acima de tudo, esses textos eram udenistas.

Feitas tais considerações, busco entender a oscilação de posicionamento do jornal Correio perante o projeto de construção de Brasília. Para subsidiar a compreensão, é necessário entender as origens da imprensa em Uberlândia e qual era a base do seu discurso. A esse respeito Fausto Rocha de Araújo, nos esclarece:

Em Uberlândia, na primeira metade do século XX, a imprensa exerceu uma atividade marcante, forjando uma memória à luz de um projeto de progresso. Usando de um discurso

*desenvolvimentista deu-se início a constituição de um imaginário ufanista.*³⁷

Esse discurso criou Uberlândia como uma cidade moderna, progressista, fazendo com que virasse referência regional, sendo receptora dos maiores investimentos já na década de 1940. Nesse processo de elaboração dessa imagem, a imprensa teve papel fundamental, e a “Cidade Jardim”, como era chamada, se tornou sinônimo de progresso. Esta palavra é vista em grande parte dos artigos favoráveis à Brasília publicados pelo Correio.

O “progresso” é o norte perseguido por Uberlândia no final da década de 1950. Então, a situação dos políticos locais filiados a UDN, e atrelada a ela, a do Correio, era complicada, porque eles estão ligados à um partido de oposição a Juscelino, com sede no Rio de Janeiro, ou seja, cidade que perderia o posto de capital federal. Mas, por outro lado, eles não estavam no Rio, estavam em Uberlândia, localizada no vasto centro do Brasil. Encontravam-se deslocados logística e economicamente. E Brasília, querendo ou não, era um grande potencial para o desenvolvimento da região. Colocaria Uberlândia entre a capital federal e várias outras capitais estaduais, desencadeando, assim, um enorme “progresso”. O fato de a cidade ter se tornado referência no setor atacadista está diretamente ligado à transferência da capital.

A questão é: muita coisa girava em torno de Brasília. Interesses pessoais, elitistas, midiáticos políticos etc. E o raciocínio aplicado no parágrafo anterior é o que proponho nesse desafio de tentar compreender o processo de mudança no posicionamento do Correio diante de JK e Brasília. Essa variação chegou a um nível que fugiu totalmente da dita imparcialidade jornalística, percebida quando o jornal publicou um artigo “polítiqueiro” a favor da eleição de Jânio Quadros:

Só J.Q. tem condições eleitorais para suceder Juscelino: o sr. Jânio Quadros se enquadra perfeitamente como o sucessor ideal de J.K., porque não lhe falta coragem, e muito menos

³⁷ ARAÚJO, Fausto Rocha de. **“O golpe civil-militar de 1964 e suas repercussões em Uberlândia: Análise das publicações do jornal Correio de Uberlândia”**. Trabalho de Conclusão de Curso, UFU, Graduação em História, Uberlândia: fevereiro, 2007 (fotocópia).

*disposição física para continuar essa magnífica obra da interiorização da capital do Brasil. Queremos crer, que Lott, homem de gabinete, de caserna, preso a disciplina militar, não tem condições de receber votos de J.K O sucessor ideal, sem dúvida será J.Q. por J.K.*³⁸

Ironicamente, o Marechal Lott foi contrário ao golpe de 1964, aquele mesmo marechal que, no artigo anterior, foi citado como *—homem de gabinete, de caserna, preso a disciplina militar*”. O Correio, por sua vez, referendou o ato inconstitucional.

Este texto mostra dois “Correios”, o antes do “21 de abril” e o pós. Ademais, divide-o em polos totalmente opostos entre si. No capítulo anterior desta pesquisa, há uma notícia que foi publicada quase um ano antes da então discutida, a qual o jornal tratava do problema da inflação passando a ideia de que JK era tão ruim que Jânio era a esperança de melhora. Relembremos:

*A inflação da moeda se juntou a inflação da demagogia: A pressão da opinião pública, melhor dizendo a pressão da bolsa e do estômago, fez o presidente JK encarar o incessante aumento do custo de vida. Reclamações de todos os lados, greves, ameaças —passeatas de fome”, de —marchas ao Catete”, ao lado de —Jânio vem aí”, caracterizando o descontentamento das massas e a esperança concentrada no ex-governador paulista, assustaram, por fim, o presidente da república (...)*³⁹

Agora, é o contrário. Jânio ainda continua sendo esperança, só que não é devido a inflação e a fome causadas pelo governo JK, mas, porque, é somente ele quem tem capacidade para substituir Juscelino, o homem da *—inflação da demagogia*”.

O antagonismo praticado pelo jornal é atitude política de construção de uma memória, já que a política se articula em torno da cultura popular.

³⁸ “Só J.Q. tem condições eleitorais para suceder Juscelino”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 23/04/1960. Ano XXIII, nº 8067, p.3.

³⁹ “A inflação da moeda se juntou a inflação da demagogia”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 18/03/1959. Ano XXII, nº 7019, p.8.

Pensar sobre essas questões, ajuda a compreender a oscilação no posicionamento do Correio e da UDN, uma vez que o jornal era o seu porta-voz.

Ao analisar um documento e, principalmente, um documento produzido por um jornal pertencente a um político que é opositor do presidente da república, é necessário que se tenha muita cautela e um senso duvidoso sobre esse documento, não o enxergando como uma produção dotada de imparcialidade e inocência. Le Goff lembra bem isso:

O documento não é inocente, não decorre apenas das escolhas do historiador, ele próprio é determinado parcialmente por sua época e seu meio, o documento é produzido conscientemente ou inconscientemente pelas sociedades do passado tanto para impor uma imagem desse passado, quanto para dizer a verdade".⁴⁰

O discurso comum defendido pela imprensa é justamente a imparcialidade e objetividade no seu trabalho. No entanto, quando um evento, como o analisado nessa pesquisa, é repercutido, são sistematicamente pensados os fins nos quais se quer atingir. Sendo assim, automaticamente, é descartado o posicionamento neutro, ainda mais, quando se noticia um evento da importância que teve a transferência da capital federal. Uma obra desta causa um impacto considerável nas pessoas, pois a partir dela, um futuro de esperança é construído em suas mentes. E a população de uma cidade igual a Uberlândia, que, em 1960, estava muito distante do que é hoje, tanto populacional quanto economicamente, e relativamente longe do litoral, há mais de mil quilômetros, que vê a capital sendo erguida perto, inevitavelmente imagina alguma mudança a partir de então, provavelmente positiva. Pelos “olhos” do Correio de Uberlândia, o que há é um apoio da cidade à Kubitschek, como se constata pelo seguinte artigo:

1300 uberlandenses enviaram mensagens de apoio ao presidente JK: os infra-assinados professores, comerciantes, estudantes e populares da cidade de Uberlândia sentem-se no

⁴⁰ LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. (Orgs.). **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.54.

*dever de manifestar a sua imensa admiração e inusitada alegria, por este magno acontecimento que ora marca a terceira etapa para a nossa querida pátria.*⁴¹

No mesmo dia em que este texto foi publicado, o jornal também abriu espaço para mais mensagens de apoio ao presidente, oriundas de associações profissionais e de empresários da cidade. Brasília atraiu muitos anúncios. Interessante é um artigo que fala de uma campanha pró Brasília que seria implantada em Uberlândia por uma importante figura da cidade, o jurista Jacy de Assis, dizendo o seguinte:

*Uberlândia a favor de Brasília: ao lado da mudança. Uberlândia, num movimento apolítico e visando apenas a promover uma demonstração de solidariedade ao presidente da República, estará breve agitada pela campanha que o desencadeará em favor da mudança da capital para Brasília na data marcada e prevista'. Assim falou ao diretor do CORREIO DE UBERLÂNDIA o ilustre jurista Jacy de Assis.*⁴²

O texto traz duas informações curiosas: a maneira com que Jacy de Assis, que era membro da UDN local, inicia sua fala, dando a entender que a campanha era da cidade, tendo ele apenas como o seu porta-voz, e a falta de teor político no objetivo visado. Talvez a política esteja justamente na característica apolítica da campanha. De qualquer forma, a ação é pró JK, numa “demonstração de solidariedade” do povo uberlandense ao presidente.

Nesse caminho de louvores ao feito de Kubitschek, tive o interesse de procurar falas contraditórias aos discursos sobre Brasília proferidos pela UDN, e conseqüentemente, pelo Correio. A última notícia impressa no jornal após o cumprimento da 31ª meta do plano de metas presidencial, trazia as informações:

⁴¹ “1300 UBERLANDENSES ENVIARAM MENSAGEM AO PRESIDENTE JK”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 23/04/1960. Ano XXIII, nº 8067, p.1.

⁴² “Uberlândia a favor de Brasília: ao lado da mudança”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 19/01/1960. Ano XXIII, nº 8017, p.1.

*UDN: primeiro partido a se reunir em Brasília: Num louvável respeito ao dispositivo legal, que estatui a Capital Federal a sede da União Democrática Nacional, foi a U.D.N. o primeiro partido político a se reunir em Brasília. Os altos dirigentes udenistas fizeram declarações à imprensa dizendo que a U.D.N. sempre foi favorável a mudança da capital, pois, o próprio projeto foi de autoria do deputado udenista Emival Caiado.*⁴³

De acordo com o texto, vemos que —*U.D.N. sempre foi favorável a mudança da capital*”. Declarar isso no dia 26 de abril de 1960, depois de o presidente ter conseguido cumprir a promessa, seria conveniente para a UDN. Contudo, no livro —*Brasília Kubitschek de Oliveira*”⁴⁴, o argumento de Ronaldo Costa Couto nos traz uma fala udenista diferente.

Segundo o autor, a liga udenista só aprovou a construção de Brasília por considerá-la o “túmulo político” de JK. Partindo dessa afirmação, tem-se uma UDN bem diferente da retratada no Correio, que divulgou textos nos quais udenistas apoiavam o presidente. Inclusive, fazendo campanha política que engrandecia JK, defendendo Jânio Quadros como o único homem capaz de substituí-lo. O jogo político possui suas variáveis, é polêmico, e, especificamente, no Brasil de hoje não confiável, ou melhor, no Brasil de sempre.

Brasília foi fruto de ambição, ambição de um homem que na mesma proporção foi criticado e enaltecido nas páginas do jornal Correio. A cidade consumiu bilhões de reais, elevou a inflação, aumentou o PIB e, ao mesmo tempo, a dívida externa, empregou milhares de trabalhadores que se sacrificaram por 15/20 horas diárias para erguê-la do zero. O jornal oscilou ao longo da construção e da conclusão da tão sonhada capital. Oscilação influenciada pelo fato do jornal ter como diretor um vereador de um partido de oposição ao presidente que, ao mesmo tempo, pertencia a uma cidade e a uma época a qual enxergava na interiorização da capital federal um “empurrão” para

⁴³ “UDN: primeiro partido a se reunir em Brasília”. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 26/04/1960. Ano XXIII, nº 8069, p.1.

⁴⁴ COUTO, Ronaldo Costa. **Brasília Kubitschek de Oliveira**. 5ª ed. São Paulo: Record, 2006.

o progresso. Sem desconsiderar a análise crítica que devemos ter diante de qualquer documento, principalmente um jornal, de qualquer forma, pelo empenho do Correio em noticiar positivamente a inauguração de Brasília, a ideia que fica é a de que o jornal expressou sua gratidão à JK.

Considerações finais

Uberlândia era um “cisco” perto do que estava acontecendo no âmbito da construção e da inauguração de Brasília. Entretanto, por mais que fosse pequena e, relativamente, isolada, possuía suas vozes que se posicionaram diante deste fato “histórico”. Um feito dessa proporção afetou e afeta consideravelmente um país.

Como o Brasil é um país, territorialmente, muito grande, a expectativa causada pela transferência da capital federal, por exemplo, no estado de Santa Catarina foi diferente se comparada ao que ocorreu nos estados de Goiás, Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso etc. A expectativa que atingia Uberlândia era especial, pois, via em Brasília um “mar” de possibilidades. Confusão, essa palavra deve ter pairado sobre a redação do Correio quando se falava de Brasília, causada pelo fato do jornal ser de Uberlândia e comungar com a UDN.

Fazer essas ponderações é essencial ao trabalho do historiador. A fonte “jornal Correio de Uberlândia” não era e não é igual, em contraposição a noção de ser apenas um transmissor de notícias, a um jornal que estava e está na cidade do Rio de Janeiro ou em Natal, por exemplo, cada tem um contexto, seja regional, temporal, político.

Esse exercício reflexivo é uma ferramenta de uso fundamental ao pesquisador que trabalha uma fonte midiática. A imparcialidade é uma qualidade que, geralmente, os veículos de comunicação destacam quando vão “vender seu peixe”; contudo, ao analisarmos crítica e criteriosamente, constataremos que se trata, apenas, de marketing, afinal, são empresas que pertencem a elite econômica, e em muitos casos a políticos, todos possuindo interesses próprios. O Correio é um exemplo de jornal que, na época da inauguração de Brasília, tinha como maior cotista e diretor geral um vereador.

Enfim, a preocupação desta monografia não foi somente analisar o relato do jornal Correio sobre a inauguração de Brasília, mas, também, estudar

como ele formou a imagem de Brasília, como essa visão evoluiu e porque se contradisse por várias vezes, considerando todas as características ditas anteriormente que envolvem o trabalho com imprensa. Proponho, para futuras pesquisas nesse viés, estudar os impactos causados por Brasília, seja na esfera nacional, regional, estadual ou municipal. Nesse trabalho, cabe analisar as transformações políticas, econômicas, sociais, ambientais etc.

O Brasil antes de Brasília era consideravelmente diferente. Havia uma vastidão isolada interior adentro, concentrando o desenvolvimento e as decisões no litoral. Esse feito do governo do presidente Juscelino Kubitschek foi de muita audácia. O tempo estipulado da obra era considerado por muitos como insano, e o lugar, logisticamente nulo. Gastou-se muito para erguê-la, não apenas dinheiro, mas vidas; mudou o destino de muitos, todavia, contribui para o desenvolvimento de um Brasil “distante”.

Descrição das Fontes

1 - Artigos de Jornal:

_____. Busto de J.K. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 17 de janeiro de 1959.

_____. Banco nacional continuará a funcionar com a mesma denominação. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 10 de maio de 1959.

_____. Brasília 1960. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 26 de maio de 1959.

_____. Massacre em Brasília. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 22 de janeiro de 1959.

_____. A inflação da moeda se juntou a inflação da demagogia. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 18 de março de 1959.

_____. JK e a operação remédio. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 21 de março de 1959.

_____. Juscelino orgia de emissões. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 14 de maio de 1959.

_____. Brasília. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 19 de maio de 1959.

_____. Brasília e a mulher de Cesar. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 28 de junho de 1959.

_____. Nova função de Brasília: eleitoral. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 20 de março de 1960.

_____. Orós e Brasília. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 05 de abril de 1960.

_____. Tubal cede edifício para hospedagem, inauguração de Brasília. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 20 de março de 1960.

_____. Brasília é hoje capital federal: SALVE JK. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 21 de abril de 1960.

_____. Receba J.K. os aplausos de um vereador udenista. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 21 de abril de 1960.

_____. UDN UBERLANDENSE CONGRATULA-SE COM JUSCELINO. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 21 de abril de 1960.

_____. VIBRANTE MENSAGEM DO LIONS AO PRESIDENTE JK. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 21 de abril de 1960.

_____. Brasília ontem e hoje. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 21 de abril de 1960.

_____. Só J.Q. tem condições eleitorais para suceder Juscelino. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 23 de abril de 1960.

_____. 1300 UBERLANDENSES ENVIARAM MENSAGEM AO PRESIDENTE JK. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 23 de abril de 1960.

_____. Uberlândia a favor de Brasília: ao lado da mudança. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 19 de janeiro de 1960.

_____. UDN: primeiro partido a se reunir em Brasília. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 26 de abril de 1960.

2 - Livros:

MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). "Outras histórias: memórias e linguagens". In: BARBOSA, Marta Emisia

Jacinto. **Sobre história: imprensa e memória**. São Paulo: Olho d'Água, 2006 pp. 262-272.

FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). "Muita memórias, outras histórias". In: CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. **Memórias de um trauma: o massacre na GEB (Brasília – 1959)**. São Paulo: Olho d'Água, 2004 pp. 173-190.

FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). "Muita memórias, outras histórias". In: KHOURY, Yara Aun. **Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história**. São Paulo: Olho d'Água, 2004 pp. 116-138.

VAISTMAN, Maurício. **Quanto custou Brasília**. Rio de Janeiro: PS, 1968.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. (Orgs.). **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COUTO, Ronaldo Costa. **Brasília Kubitschek de Oliveira**. 5ª ed. São Paulo: Record, 2006.

3 - Artigos de Revistas:

REVISTA VEJA. **"Especial Brasília 50 Anos"**. São Paulo: Abril, Novembro de 2009.

4 - Gráficos:

Figura 1 – Variação da inflação no governo JK, entre 1956 e 1960. Fonte: IBGE. Disponível em: <https://www.veja.abril.com.br/especiais/brasil/borafunda-contabil-p-120.html>> Acesso em set. 2014.

Figura 2 – Evolução do PIB durante o governo JK, entre 1956 e 1960. Fonte: IBGE. Disponível em: <https://www.veja.abril.com.br/especiais/brasil/batufunda-contabil-p-120.html>> Acesso em set. 2014.

Figura 3 – Dívida externa do Brasil ao longo do governo JK, entre 1956 e 1960. Fonte: IBGE. Disponível em: <https://www.veja.abril.com.br/especiais/brasil/batufunda-contabil-p-120.html>> Acesso em set. 2014.

5 - Estatísticas:

IBGE. **"Anuário Estatístico de Minas Gerais 1940/1960"**.

6 - Monografias:

ARAÚJO, Fausto Rocha de. **"O golpe civil-militar de 1964 e suas repercussões em Uberlândia: Análise das publicações do jornal Correio de Uberlândia"**. Trabalho de Conclusão de Curso, UFU, Graduação em História, Uberlândia: fevereiro, 2007 (fotocópia).

7 - Documentários:

Conterrâneos Velhos de Guerra. Direção Vladimir Carvalho. Sagres Home Vídeo/ Rio Filme, 1992. (Fita de vídeo-VHS). Vladimir Carvalho recebeu por este documentário o prêmio especial do júri no Festival do Novo Cinema Latino Americano em Havana e o prêmio de Cinema da CNBB.

Bibliografia

MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). “Outras histórias: memórias e linguagens”. In: BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. **Sobre história: imprensa e memória**. São Paulo: Olho d'Água, 2006 pp. 262-272.

FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). “Muita memórias, outras histórias”. In: CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. **Memórias de um trauma: o massacre na GEB (Brasília – 1959)**. São Paulo: Olho d'Água, 2004 pp. 173-190.

FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). “Muita memórias, outras histórias”. In: KHOURY, Yara Aun. **Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história**. São Paulo: Olho d'Água, 2004 pp. 116-138.

VAISTMAN, Maurício. **Quanto custou Brasília**. Rio de Janeiro: PS, 1968.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. (Orgs.). **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COUTO, Ronaldo Costa. **Brasília Kubitschek de Oliveira**. 5ª ed. São Paulo: Record, 2006.

ARAÚJO, Fausto Rocha de. **“O golpe civil-militar de 1964 e suas repercussões em Uberlândia: Análise das publicações do jornal Correio de Uberlândia”**. Trabalho de Conclusão de Curso, UFU, Graduação em História, Uberlândia: fevereiro, 2007 (fotocópia).